

No limiar entre mulher e carangueja

O manguezal como útero do mundo. É dessa imagem poética e visceral que nasce “Carangueja”, solo teatral idealizado, escrito e interpretado por Tereza Seiblit, atualmente no ar como Doralice na novela “Volta Por Cima” (TV Globo). A peça, codirigida pela atriz e pela piauiense Fernanda Silva, utiliza esse bioma de transição entre ambientes terrestre, fluvial e marinho como metáfora para abordar a força criadora vital da Terra e questionar noções sobre feminino, maternidade e responsabilidade ambiental.

A conexão de Tereza com o manguezal remonta a 1993, duran-

te as gravações de “Renacer”, quando interpretou a marcante Joaninha. “Quando estive num manguezal pela primeira vez, na Bahia, andei e afundei na lama por muitas horas. Tive a maravilhosa sensação de sentir a pulsação da fertilidade daquele lugar e pensei: ‘isso aqui é o útero do mundo’”, relembra. Essa experiência sensorial, onde observou filhotes de caranguejo brilhando ao sol matinal, plantou a semente criativa que germinaria décadas depois.

O texto nasceu em 2015, durante a graduação em Letras da atriz na PUC-Rio, influenciado por leituras teóricas e literárias. Tereza se questionava sobre como seria “Samuel Beckett escrevendo

Renato Mangolin/Divulgação



Tereza Seiblit se encantou pelos mistérios do manguezal desde que gravou a novela ‘Renacer’, em 1993

Tereza Seiblit usa o manguezal como potente força criadora da vida em monólogo

sob o sol do Equador e as marés do Piauí” ou “a busca pelo fim da angústia de Sarah Kane se estivesse grávida e morasse nos trópicos”.

A montagem propõe uma experiência sensorial em que tecidos, madeira, metais e argila são ressignificados pela intérprete. O público acompanha uma mulher atravessada por múltiplas vozes - desde locuções de aeroporto até receitas de moqueca -, que desenham pistas

de uma metamorfose em curso. A protagonista vive no limiar entre mulher e carangueja, questionando antropocentrismo e desigualdades sociais através de humor e poesia.

SERVIÇO

CARANGUEJA

Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104, Botafogo)
Até 27/8, terças e quartas (20h)
| R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Sarcasmo melancólico

“Chá com Tchekhov.2 – Ausência” está no Teatro Laura Alvim até o dia 27. Com dramaturgismo de Klever Schneider, a peça transforma o palco em terreno de memórias instáveis e silêncios desconfortáveis. O elenco reúne Maísa Shorn, Thales Huebra e o próprio autor. A montagem explora a ausência como elemento cênico central, criando atmosfera de ensaio interrompido onde personagens tentam acertar contas com o passado. O metateatro funciona como ferida aberta em espetáculo marcado por sarcasmo melancólico.

Divulgação



João Caldas Filho/Divulgação



Relatos femininos

Destaque da cena teatral paulistana, Ester Laccava apresenta o monólogo “Ossada” no Teatro Poeirinha até o dia 27. A peça reúne cinco cenas independentes que retratam mulheres em situações cotidianas: filha diante do pai em coma, mãe organizando casamento do filho, escritora em entrevista televisiva, jovem do século 19 enfrentando patriarca abusivo e mulher tentando acender cigarro. Dramaturgia de Laccava, Elzemann Neves e João Wady Cury, baseada em textos de Maureen Lipman. A atriz também assina a direção do espetáculo.

Divulgação



Dilemas do passado

Rafael Saraiva retorna com o monólogo “O Dinosaurio de Plástico” ao Teatro Gláucio Gill após primeira temporada esgotada. A peça acompanha Marcelo, jovem de 25 anos que hesita diante de um bar onde família e amigos estão em mesas separadas. A simultaneidade dos dois mundos gera pressão que o impede de decidir se entra ou vai embora. Através das reflexões do protagonista, o público conhece sua trajetória desde a infância, incluindo relações complexas com familiares, amigos e consigo mesmo. O espetáculo explora dilemas de identidade e pertencimento. Até 27/8.